

FEDERALISMO, SOCIALISMO E ANTITEOLOGISMO DE BAKUNIN

Felipe Corrêa

Resumo:

Este artigo contextualiza e discute uma obra que foi fundamental na passagem de Bakunin ao anarquismo: *Federalismo, socialismo e antiteologismo*. Para isso, ele divide-se em seis partes: 1.) História de Bakunin, partindo de sua fuga da Sibéria em 1861 até a constituição da Fraternidade Internacional em 1866; 2.) Contexto internacional das décadas de 1850 e 1860, no qual as guerras foram centrais; 3.) Constituição e trajetória do Congresso e da Liga da Paz e da Liberdade em 1867 e 1868; 4.) Grandes linhas de *Federalismo, socialismo e antiteologismo*; 5.) Intenções de Bakunin com a produção deste texto e resultados atingidos; 6.) Passagem de Bakunin ao anarquismo.

Palavras chave: Mikhail Bakunin; anarquismo; Congresso / Liga da Paz e da Liberdade; *Federalismo, socialismo e antiteologismo*

* * *

Dando continuidade às contribuições para homenagear os 200 anos de nascimento de Mikhail Bakunin (1814-1876), este texto contextualiza e discute uma obra que foi fundamental na passagem de Bakunin ao anarquismo: *Federalismo, socialismo e antiteologismo*.

Para isso, ele divide-se em seis partes: 1.) História de Bakunin, partindo de sua fuga da Sibéria em 1861 até a constituição da Fraternidade Internacional em 1866; 2.) Contexto internacional das décadas de 1850 e 1860, no qual as guerras foram centrais; 3.) Constituição e trajetória do Congresso e da Liga da Paz e da Liberdade em 1867 e 1868; 4.) Grandes linhas de *Federalismo, socialismo e antiteologismo*; 5.) Intenções de Bakunin com a produção deste texto e resultados atingidos; 6.) Passagem de Bakunin ao anarquismo.

DA PRISÃO À FRATERNIDADE INTERNACIONAL

A participação de Bakunin nos episódios revolucionários de Paris e Praga, em 1848, a preparação da Insurreição da Boêmia e, principalmente, a atuação como comandante militar da Insurreição de Dresden, em 1849, custaram-lhe 12 anos de prisão e exílio (1849 a 1861), após sua captura na Saxônia.

Durante o período de cárcere, o revolucionário russo passou pelas fortalezas de Königsstein, Olmütz, Pedro e Paulo, Schlüsselburg; foi condenado à morte duas vezes (1850 e 1851) e terminou sendo deportado para a Sibéria em 1857, onde permaneceu até 1861.

Os sofrimentos do período de prisões, agravados pelas inúmeras doenças adquiridas e pela brutalidade do tratamento recebido, fizeram com que Bakunin afirmasse: “A morte parece-me em muito preferível”, se comparada ao sentimento de ser “aprisionado numa fortaleza sozinho, inativo e inútil num cômodo de janelas gradeadas” e “despertar todos os dias tendo consciência de estar enterrado vivo e ter diante de si uma seqüência interminável de jornadas desesperadoras”.¹

A deportação para a Sibéria permitiu-lhe elaborar um plano de fuga e partir, em 1861, rumo a Europa, passando pelo Japão e pelos Estados Unidos, chegando ao final do ano na Inglaterra.

Depois de 12 anos preso e exilado, foi necessário um certo tempo até que Bakunin pudesse conhecer mais profundamente a conjuntura e elaborar propostas de intervenção. Juntando-se, logo de sua chegada em Londres, aos antigos amigos Alexandre Herzen e Nicolai Ogarev, participou da elaboração do periódico *Kolokol* durante o ano de 1862 e publicou alguns escritos.

No ano seguinte, não conseguiu juntar-se à insurreição polonesa, permanecendo na Suécia; passou depois por Londres, Bruxelas, Paris, Genebra, Berna e estabeleceu-se, em 1864, na Itália, onde fundou uma organização política secreta, a Fraternidade Internacional, inspirada na tradição carbonária e maçônica italiana. Partiu ainda naquele ano para Londres, passando posteriormente por Bruxelas, Paris, Genebra, Berna, Florença, estabelecendo-se em Nápoles, onde permaneceu até 1867.

A permanência na Itália e as várias viagens do período permitiram ao revolucionário russo reintegrar-se à política européia, abandonada forçosamente por um longo período.²

Destacam-se no período de 1864 a 1867 o trabalho de Bakunin para reunir membros para a Fraternidade Internacional e elaborar seus documentos programáticos. Bakunin, com esta organização, segundo Max Nettlau, “conseguiu formar um círculo íntimo de pessoas capazes de vários países”, que envolvia italianos, franceses,

¹ Mikhail Bakunin. *Revolução e Liberdade*, p. 64.

² Para conhecer as linhas gerais da história de Bakunin, ver: Felipe Corrêa. “Introdução”. In: Mikhail Bakunin. *Revolução e Liberdade*; para uma biografia completa, ver: Marc Leier. *Bakunin: the creative passion*.

poloneses, suecos, dinamarqueses, noruegueses, ingleses, belgas, espanhóis e russos. “Por meio dos contatos pessoais e da extensa correspondência”, continua Nettlau, Bakunin “trabalhou incansavelmente para esclarecer as idéias de seus companheiros e para livrá-los de diversas concepções nacionalistas.”³

Dois documentos estabelecem as linhas políticas da Fraternidade; ambos escritos em 1866 e com o título: “Princípios e Organização da Sociedade Internacional Revolucionária”. Uma de suas duas partes, “Catecismo Revolucionário”, defende a revolução democrática e social com o objetivo de

dissolução radical do Estado centralista, tutelar, autoritário, com todas as instituições militares, burocráticas, governamentais, administrativas, judiciárias e civis. É, em resumo, *a liberdade devolvida a todos, aos indivíduos bem como a todos os corpos coletivos, associações, comunas, províncias, regiões e nações, e a garantia mútua dessa liberdade pela federação. [...] A confirmação da igualdade política pela igualdade econômica. É, no começo da carreira de cada um, a igualdade do ponto de partida, igualdade não natural, mas social para cada um, isto é, igualdade dos meios de sustento, educação, instrução para cada criança, menino ou menina, até o momento de sua maioridade.*⁴

A outra parte, “Organização”, estabelece os marcos orgânicos da Fraternidade, com os direitos e deveres de cada membro em sua atuação e articulação regional, nacional e internacional. Ainda que o documento caracterize-se por diversos elementos que constituirão as bases do anarquismo organizado, desenvolvido posteriormente na Aliança da Democracia Socialista, fundada em 1868, “Organização” ainda apresenta resquícios de um modelo de organização blanquista, sustentando em determinados momentos hierarquia entre os membros – como nos casos das “missões especiais” em que qualquer “irmão internacional” envolvido deveria ter “uma obediência escrupulosa e absoluta em relação a seus chefes [chefs] imediatos”, não devendo tratar desses assuntos com “seus companheiros de serviço e seus subordinados imediatos” – e também hierarquia entre as instâncias de articulação – no caso dos membros dos comitês regionais, por exemplo, estes deveriam possuir uma “obediência absoluta à Junta Nacional”.⁵

³ Max Nettlau. “Mikhail Bakunin: a biographical sketch”. In: G. P. Maximoff (org). *The Political Philosophy of Bakunin*, p. 44.

⁴ Mikhail Bakunin. *Catecismo Revolucionário / Programa da Sociedade da Revolução Internacional*, pp. 66-67.

⁵ Idem. “Principes et Organisation de la Société Internationale Révolutionnaire”.

Pode-se dizer que do período que saiu da prisão até 1866 há um desenvolvimento significativo de Bakunin, primeiramente para retomar o conhecimento do curso dos acontecimentos de seu tempo e para voltar à ação revolucionária; em um segundo momento, para a defesa do socialismo, ainda que sem base classista completamente definida, e do ateísmo que, juntos, constituiriam os fundamentos de seu método de análise, teoria social e estratégia revolucionária futuros.

Conforme observado por René Berthier, Bakunin, entretanto, neste período, não era ainda um completo libertário⁶, podendo-se identificar aspectos contraditórios ao anarquismo, tanto no modelo de relação entre os militantes, preconizado aos “irmãos” da Fraternidade, quando na própria relação da Fraternidade com o movimento popular.

O CONTEXTO INTERNACIONAL E AS GUERRAS

As décadas de 1850 e de 1860 marcaram a Europa por um contexto de guerras sanguinárias. Eric Hobsbawn afirma que “a geração posterior a 1848 foi uma era de guerras e não de revoluções”, sendo a década de 1860 “uma década de sangue”.⁷ Alexandre Samis enfatiza que “desde a Guerra da Criméia [1854-1856], as bocas dos canhões não deixavam de cuspir fogo e levar ao desespero as populações de parte significativa do globo.”⁸ Era, enfim, um contexto de conflitos internacionais que modificariam significativamente a conjuntura européia.

Com a derrota da Rússia na Guerra da Criméia, que contou 600 mil mortos, Inglaterra e França, aliadas com o Piemonte-Sardenha (na Itália) e o Império Otomano (na Turquia), saíram fortalecidas, consolidando-se nas rotas comerciais da Ásia Meridional. O contexto internacional das duas décadas foi também marcado fortemente pela unificação da Itália (1848-1870) e da Alemanha (1862-1871), na esteira de um processo que enfraqueceria a Áustria e fortaleceria a Prússia, o Piemonte-Sardenha e as regiões danubianas. Os processos de unificação foram fortalecidos em grande medida por Camillo Cavour no Piemonte-Sardenha e por Otto von Bismarck na Prússia, que conseguiram separar a unidade nacional da influência popular e integrar as demandas da oposição no processo, sem dar a ela o controle político.

Na Itália, o processo de unificação contou com uma vitória da monarquia, personificada em Vitor Emanuel II, da Casa de Sabóia, apoiado pelos conservadores

⁶ René Berthier. *L'Autre Bakunin*, vol. III, p. 188.

⁷ Eric Hobsbawn. *A Era do Capital*, pp. 114; 119.

⁸ Alexandre Samis. *Negras Tormentas*, p. 105.

liberais constituindo, entre 1859 e 1861, um Estado-Nação e consolidando a vitória sobre setores populares, republicanos e democráticos, encabeçados por Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi. Tal processo envolveu três guerras (1848-1849, 1859 e 1866), que conseguiram libertar a maior parte do norte da península itálica do domínio austríaco; completou-se em 1870, com a anexação de Roma.

Na Alemanha, a ascensão de Bismarck ao cargo de primeiro-ministro da Prússia, em 1862, contribuiu de maneira determinante para o estabelecimento de uma unificação pautada nos interesses da monarquia prussiana e sua aristocracia, opondo-se ao liberalismo, à democracia e ao nacionalismo que naquele contexto se manifestavam. Tal processo envolveu guerras contra a Dinamarca (1864), a Áustria (1866) e a França (1870-1871), consolidando após a última delas o processo de unificação. Conforme aponta Samis, era um processo que fortalecia o militarismo no país:

O corolário do projeto político prussiano era não apenas a crescente militarização do Estado, mas também o desprezo pelas Dietas e demais mecanismos constitucionais. Todos estes fatos colaboravam para o início de uma era marcada pelo militarismo germânico.⁹

Assim, pode-se afirmar que o período de 1858 a 1871 contou com quatro guerras importantes: “a França, a Savóia e os italianos contra a Áustria (1858-59); a Prússia e a Áustria contra a Dinamarca (1864); a Prússia e a Itália contra a Áustria (1866); a Prússia e os Estados germânicos contra a França (1871)”.¹⁰ Constituíam-se, conforme coloca Samis, uma “tendência de se resolverem os problemas pelo confronto armado”¹¹, tendência esta que foi beneficiada pelo desenvolvimento de uma forte tecnologia de guerra.

Na França, para além do engajamento nos conflitos de 1858-1859 e depois em 1870-71, o governo de Napoleão III investiu em intervenções militares na Síria (1860), na China (1860), na Indochina (1858-1865) e no México (1861-1867), além de ter anexado Nice e Sabóia ao território francês. Na Rússia, a autocracia czarista de Nicolau I (1825-1855) foi afetada por crises, reformas e mudanças, que incluíram a liberação dos servos em 1861 e a repressão, juntamente com as forças prussianas, do levante insurrecional na Polônia de 1863. Na Inglaterra, apesar de medidas liberais na política interna, estabeleceu-se o vice-reinado da Índia, evidenciando conflitos impostos pela

⁹ Ibidem, p. 106.

¹⁰ Eric Hobsbawn. Op. Cit., p. 118.

¹¹ Alexandre Samis. Op. Cit. p. 106.

política externa colonial britânica. O período também contou com as guerras civis da China (1851-1864), dos Estados Unidos (1861-1865), que resultou em 630 mil mortos, além da Guerra do Paraguai (1864-1870), que resultou em 330 mil mortos.

Em suma, o contexto internacional que envolve o período das décadas de 1850 e 1860 foi caracterizado pelo alto nível de violência dos conflitos militares que marcaram o processo de consolidação dos Estados Nacionais e também a política colonial do período, responsáveis pela configuração de um novo mapa do poder nas últimas décadas do século XIX.

Ainda que seja possível identificar a emergência de movimentos populares no período, nenhum deles teve força suficiente para intervir de maneira determinante neste processo. Hobsbawn afirma que “apesar de a guerra ter sido bastante comum nesse mundo entre 1848 e 1871, o medo de uma guerra *geral* [...] não assustava os cidadãos do mundo burguês”¹²; o medo de uma guerra mundial não era, ainda, objeto de relevante preocupação.

CONGRESSO E LIGA DA PAZ E DA LIBERDADE

O contexto internacional de guerras vivido pela Europa, com destaque para a vitória da Prússia sobre a Áustria em 1866, acirrou os conflitos entre Prússia e França – que chegariam às vias de fato na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871. A iminência do conflito entre Prússia e França fez com que se convocasse, para o mês de setembro de 1867, em Genebra, na Suíça, um Congresso da Paz que, junto com outras iniciativas, buscava pôr fim à ameaça de guerra. O congresso foi organizado por dois franceses: o pacifista Charles Lemonnier e o jurista Émile Acolas; apesar do caráter eminentemente burguês, e com o foco nos republicanos e democratas moderados, a idéia do congresso surgia com considerável apoio popular.

Bakunin tinha permanecido em Nápoles e, desde 1864, em “Programme d’une Société Internationale Secrète de l’Émancipation de l’Humanité”, posicionava-se contra um congresso público.¹³ Seus argumentos contra tal modelo de congresso eram os seguintes: a participação individual, sem delegação de organizações estruturadas, não daria ao congresso a legitimidade necessária; a reunião de membros de vários países, com posições completamente distintas, tornaria as discussões impossíveis; as assembleias sem controle privilegiariam discussões abstratas sem qualquer perspectiva

¹² Eric Hobsbawn. Op. Cit., p. 118.

¹³ René Berthier. Op. Cit., pp. 189-194.

prática; o caráter público impediria a participação de membros de vários países, por razão das legislações em vigor, e também facilitaria a infiltração de agentes da ordem. Um congresso público, sustentava o revolucionário russo, poderia eventualmente permitir uma avaliação das forças e encontrar “homens sinceros de todos os países”; entretanto, esses homens deveriam se pôr de acordo “secretamente, e não de outro modo senão secretamente”.¹⁴

Apesar destas posições, Bakunin atendeu ao chamado do Congresso da Paz deslocando-se para a Suíça; era, naquela ocasião, uma das personalidades conhecidas do público e bastante esperada na tribuna. Fritz Brupbacher enfatiza que “Bakunin viu nessa conferência uma ocasião favorável para expor publicamente seu programa”¹⁵; era, enfim, uma oportunidade para tentar uma intervenção prática a partir do programa da Fraternidade, que havia sido estabelecido no ano anterior. Segundo Nettlau, “Bakunin não acreditava, de maneira alguma, nos burgueses republicanos reunidos em um congresso, mas tinha grande interesse em estender suas relações íntimas, ocultas na forma de sociedade secreta”¹⁶; assim, valeria a tentativa de agregar membros para seu projeto da Fraternidade Internacional, em meio a um público bastante amplo.

Conforme aponta Marc Leier, a ampla participação neste evento contou com “militantes e intelectuais como John Stuart Mill, Victor Hugo, Garibaldi, Blanc e Herzen apoiaram o congresso; 10 mil outras pessoas de toda a Europa assinaram petições e a primeira conferência contou com 6 mil participantes”.¹⁷

Ainda que fosse uma iniciativa majoritariamente impulsionada por republicanos e democratas burgueses, o convite do congresso foi estendido à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em Londres, em 1864, por obra do proletariado inglês e francês. Uma semana antes do Congresso da Paz, a AIT havia realizado, na mesma cidade, seu segundo congresso, deliberando pelo envio de uma delegação ao outro congresso, que deveria levar sua adesão condicional; o setor dos membros da AIT terminou constituindo a esquerda do Congresso da Paz.¹⁸

Durante os quatro dias de congresso, houve intensas discussões acerca dos problemas que envolviam a paz e a liberdade naquele momento da Europa; em linhas gerais, pode-se dizer que houve, desde o primeiro momento, conforme relatou Émile

¹⁴ Mikhail Bakunin. “Programme d’une Société Internationale Secrète de l’Émancipation de l’Humanité”.

¹⁵ Fritz Brupbacher. *Bakunin*, p. 94.

¹⁶ Max Nettlau. “Prologo”. In: Mikhail Bakunin. *Obras Completas*, vol. 3, p. 18.

¹⁷ Marc Leier. *Bakunin*, p. 178.

¹⁸ James Guillaume. *A Internacional*, p. 117.

Acollas, “um duelo exacerbado [...] entre o socialismo e a liberdade política”, ou seja, o liberalismo dos setores mais moderados do congresso. Para Accollas, parecia que “a política e a economia reconheceram-se e reconciliaram-se na Justiça”¹⁹; entretanto, a continuidade do processo demonstraria o contrário.

Entre os vários discursos, dentre os quais estava o tão esperado pronunciamento de Garibaldi, Bakunin interveio reforçando a problemática das nacionalidades, e realizando uma crítica antiimperialista contundente contra a Rússia, em favor da Polônia, conforme ele mesmo recorda:

Durante esses dez minutos que falei, anunciei, do ponto de vista do patriotismo vaidoso e estreito, enormes heresias: russo, protestei aberta e energicamente contra a política, a grandeza, a força, contra a própria existência do Império da Rússia; desejei-lhe todas as humilhações, todos os reveses, convicto como estou de que seus sucessos foram e serão sempre em razão inversa à prosperidade e à liberdade dos povos russos e não-russos que são hoje suas vítimas e seus escravos.²⁰

Na realidade, o russo havia preparado uma intervenção maior, que teria por objetivo apresentar a conjuntura da Rússia em relação à Europa, e a incompatibilidade existente entre “o Estado centralizado, burocrático, militar e a Liberdade”; isso deveria ser feito a partir do “desenvolvimento do princípio do federalismo e da autonomia das províncias e das comunas”, único princípio que, a seu ver, harmoniza-se com “o princípio socialista”, podendo “assegurar a paz da Europa fundada na emancipação real dos povos”.²¹

Para Bakunin, a autodeterminação dos povos era fundamental para a paz e a liberdade: “todo povo, fraco ou forte, toda nação, grande ou pequena, toda província, toda comuna têm o direito absoluto de ser livres, autônomos, de viver e governar-se segundo seus interesses e suas necessidades particulares”; somente essa autodeterminação poderia oferecer a liberdade. “A paz internacional”, segundo sustentava, “será impossível enquanto existir os Estados centralizados atuais”.²²

Entretanto, a decisão de conceder a cada orador um máximo de 15 minutos fez com que ele abandonasse a proposta inicial, improvisando um discurso que impressionaria os presentes, como foi o caso de Grigori Vyrubov, que afirmou: “Bakunin não era um orador; era mais um excelente tribuno que sabia falar

¹⁹ Ibidem, p. 132.

²⁰ Mikhail Bakunin. “Carta a Jules Barni”. In: *Essência da Religião / O Patriotismo*, pp. 10-11.

²¹ Ibidem, pp. 9-10.

²² Ibidem, pp. 15-16.

maravilhosamente bem às massas e, o mais notável, falar de maneira igualmente convincente em várias línguas”. Continuou: “Sua estatura de colosso, seus gestos enérgicos, sua voz sincera e persuasiva, suas frases curtas, brilhantes, eram elementos que causavam grande impressão”.²³

Durante o congresso, ainda, deliberou-se pela criação da Liga da Paz e da Liberdade, e Bakunin aceitou fazer parte de seu Comitê Central, que ficaria sediado em Berna.²⁴

FEDERALISMO, SOCIALISMO E ANTITEOLOGISMO

Federalismo, socialismo e antiteologismo é um documento central da obra de Bakunin e marca sua transição para o anarquismo. Foi apresentado à Liga da Paz e da Liberdade como proposta de programa, no mês seguinte ao Congresso da Paz, provavelmente, de acordo com Nettlau, em 26 de outubro de 1867. “O título de ‘Proposição justificada aos russos membros do Comitê central’ foi mudado para ‘Proposição justificada ao Comitê central’”; depois, o termo proposição foi retirado, permanecendo o título “A questão revolucionária, federalismo, socialismo e antiteologismo”.²⁵ Apoiavam a proposta o delegado francês Alexandre Naquet e os delegados poloneses Valerien Mroczkowski e Jean Zagorski.

René Berthier identifica a origem de *Federalismo, socialismo e antiteologismo* nos “Fragments Maçonniques”, sete textos escritos em 1865; há também ligações estreitas com o *Catecismo Revolucionário* de 1866: “*Federalismo, socialismo e antiteologismo* é, por sua vez, amplamente inspirado nos escritos maçônicos, chamados de ‘Fragmentos Maçônicos’, de Bakunin, que datam de 1865, mas também no ‘Catecismo Revolucionário’, que data de 1866.”²⁶ Junto com “Considerações Filosóficas sobre o Fantasma Divino, sobre o Mundo Real e sobre o Homem”, um trecho do livro *O Império Cnuto-Germânico e a Revolução Social*, de 1871, o presente texto constitui a parte mais relevante das discussões filosóficas de Bakunin.

O programa apresentado por Bakunin à liga fundamenta-se na posição de que “em política não há possibilidade de prática honesta e útil sem uma teoria e sem um

²³ Grigori Vyubov, 1912. In: Arthur Lehning. *Conversaciones con Bakunin*, p. 244.

²⁴ Max Nettlau. “Apresentação”. In: Mikhail Bakunin. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*, pp. XVII-XIX.

²⁵ Ibidem.

²⁶ René Berthier. Op. Cit., pp. 144-151.

objetivo claramente determinado”²⁷; assim, a organização deveria possuir uma estratégia e apoiar-se em um quadro de referência que lhe permitisse conhecer adequadamente a realidade. A intenção de *Federalismo, socialismo e antiteologismo* era proporcionar elementos teórico-filosóficos que pudessem contribuir nesse sentido. Como se verá, o texto de Bakunin é bastante complexo e seria necessário um tratado para expor com profundidade seu conteúdo; entretanto, pode-se resumir seu conteúdo, esquematicamente, da maneira seguinte.

Em relação aos aspectos que envolvem método de análise e teoria social, tema que ocupa a maior parte do texto, Bakunin afirma o materialismo rompendo com o idealismo, que se pauta em distintas formas de teologismo como explicação para os fatos sociais; adota, portanto, o naturalismo em contraposição ao criacionismo. Para isso, apóia-se no positivismo de Comte e nos pressupostos racionais iluministas, propondo uma ciência racional, construída de baixo pra cima, partindo da experiência (análise mais comprovação) e opondo-se à metafísica. Dando destacada relevância à esfera econômica, não deixa de reconhecer as relações dialéticas existentes entre ela e as esferas política-jurídica-militar e ideológica-cultural, assumindo que estas não são simplesmente um reflexo da economia – como no caso de determinada interpretação do materialismo histórico –, mas possuem também capacidade de determinação. Assim, mesmo com uma preponderância da esfera econômica, todas as esferas possuiriam determinação e influência múltiplas, sendo os fenômenos sociais constituídos a partir dessas relações. Ainda que assuma uma posição de desenvolvimento constante do homem – de uma fase praticamente animal, até a humanidade presente, apontando para a liberdade; pressupostos que serão mais desenvolvidos em *O Império Cnuto-Germânico e a Revolução Social*, em especial no trecho conhecido por “Deus e o Estado” –, para Bakunin não há uma predeterminação ou evolução natural da sociedade. Ela seria constituída a partir da dialética das relações sociais.

Esta concepção do materialismo se reflete na interpretação acerca das classes sociais e da luta de classes. Um dos pontos centrais que marcam o desenvolvimento de Bakunin e que aparecem claramente em *Federalismo, socialismo e antiteologismo* é a incorporação de um classismo que acompanhará Bakunin até o fim da vida e será um aspecto constitutivo do anarquismo assumido no período subsequente.

²⁷ FSA.

Para o revolucionário russo, as classes sociais não são determinadas somente a partir das relações econômicas; ainda que reconheça a centralidade do trabalho, a relevância da exploração, da divisão do trabalho, a propriedade dos meios de produção e a quantidade de capital possuído, elementos como a herança, o direito e as leis, a educação e a religião constituem, também, elementos centrais na constituição das classes sociais.

A partir desta leitura, Bakunin verifica a possibilidade de resumir as distintas classes em duas grandes categorias que estariam em contradição e luta permanente:

A diferença das classes é, todavia, muito marcada. [...] Estas diferentes existências políticas e sociais deixam-se hoje reduzir a duas categorias principais, diametralmente opostas uma à outra, e inimigas naturais uma da outra: as *classes políticas*, compostas por todos os privilegiados, tanto da terra quanto do capital, ou mesmo somente da educação burguesa, e as *classes operárias* deserdadas tanto do capital quanto da terra, e privadas de qualquer educação e de qualquer instrução. Seria preciso ser um sofista ou um cego para negar a existência do abismo que separa hoje estas duas classes.²⁸

Tal posição classista de Bakunin constitui os fundamentos de suas proposições políticas e econômicas que tomam corpo no federalismo e no socialismo. O federalismo é sugerido como alternativa aos Estados centralizados, os quais são criticados a partir das posições antiimperialistas sustentadas anteriormente e expostas com algum detalhe no discurso do Congresso da Paz.

Para Bakunin, o federalismo garantiria a igualdade e a liberdade políticas, permitindo a construção de um poder comunal que emanaria das instâncias locais e se articularia, de baixo para cima, envolvendo regiões, países e até regiões internacionais, garantindo a autodeterminação dos povos e conciliando nacionalidade e libertação nacional com igualdade e liberdade. A esse modelo político, Bakunin chamou Estados Unidos da Europa.

O socialismo é defendido como alternativa aos modelos capitalistas e pré-capitalistas que vigoravam naquele momento; a partir de uma crítica aos socialismos pré-1848, burgueses e de Estado, Bakunin reivindica a obra de Pierre-Joseph Proudhon e propõe um socialismo que proporcionaria o fim da propriedade privada, da exploração, da divisão do trabalho, das desigualdades econômicas, e que deveria ser garantido pela adoção do federalismo, implicando o fim da herança, da dominação político-burocrática e da coerção e da alienação cultural-ideológica.

²⁸ FSA.

O federalismo e o socialismo apóiam-se em uma ética humanista, que busca a liberdade individual e coletiva, a igualdade e o bem-estar, por meio de um sistema com deveres e direitos a todos, pautado na justiça e em uma educação condizente com esses princípios.

A estratégia para se chegar a esse sistema seria de uma revolução social, que incluiria, necessariamente, transformações econômicas e não só políticas, protagonizada internacionalmente pelos trabalhadores e camponeses.

AS INTENÇÕES DE BAKUNIN E OS RESULTADOS

As intenções de Bakunin quando de sua participação no Congresso da Paz afirmadas por Brupbacher e Nettlau – de apresentação pública das idéias da Fraternidade e de buscar aprofundar relações no intuito de conseguir militantes para seu projeto – não eram as únicas. Há uma outra razão apontada por outros autores, que afirmam a intenção de Bakunin fortalecer sua organização política para, posteriormente, ingressar na Internacional, contando com uma força significativa que lhe proporcionaria as condições de disputá-la com as outras forças presentes.

René Berthier, por exemplo, afirma que por meio de *Federalismo, socialismo e antiteologismo*, e de sua própria intervenção na liga, “Bakunin vai propor a esta organização que se constitua na direção política do ‘movimento social’, sendo que a Associação Internacional dos Trabalhadores constituiria o ramo econômico”.²⁹ No entanto, as suposições de Bakunin de que Karl Marx estaria envolvido em “uma sociedade secreta de ‘comunistas autoritários’”, como o partido de 1848, estavam equivocadas.³⁰

Conhecendo o caráter da liga, parece evidente que a maioria dos membros não adotaria o programa proposto por Bakunin; haveria algumas alternativas: a liga toda aceitaria o programa integralmente, o que era muito improvável; parte da liga aderiria ao programa, aumentando as forças de Bakunin para aderir à AIT; ninguém aceitaria o programa, e a Fraternidade sairia da mesma maneira que entrou, o que também se mostrava improvável, pela presença dos socialistas no congresso e na liga e pela afinidade que alguns destes haviam já demonstrado em relação às proposições de Bakunin.

²⁹ René Berthier. Op. Cit., p. 194.

³⁰ Max Nettlau. “Prólogo”. In: Mikhail Bakunin. *Obras Completas*, vol. 3, p. 19.

Segundo Nettlau, Bakunin soube da AIT pelo próprio Marx, ainda em 1864, durante sua passagem por Londres; entretanto, o desenvolvimento da associação operária, desde sua fundação, vinha sendo “bastante tranqüilo, pouco visível”, praticamente “insignificante”, em comparação ao desenvolvimento que teria a partir de 1868. Os congressos de Genebra e Lausanne, em 1866 e 1867, respectivamente, haviam tido pouca repercussão e, por isso, para Nettlau, parecia natural que “em vez de isolar-se em alguma seção [...] da Internacional”, valeria mais a pena envolver-se no grande movimento suíço.³¹

Dentro da liga, a aproximação com a AIT vinha sendo uma preocupação constante do russo, gerando, inclusive, indisposições, como foi o caso daquela que teve com Gustave Vogt, presidente da liga, o qual o acusara de, ao buscar essa aproximação, estar decretando o fim da liga.

Bakunin, “dando o exemplo, tornou-se, em julho de 1868, membro da Seção central de Genebra” da AIT.³² Ao mesmo tempo, o russo realizou esforços significativos para que os membros da liga reconhecessem a questão social e adotassem o socialismo como perspectiva ideológica; esforços que, apesar das simpatias para com o federalismo e o antiteologismo, não prosperaram, a não ser pontualmente.

Essa problemática evidenciou-se no segundo Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, realizado em Berna, na Suíça, em setembro de 1868, com participação muito menor que a do congresso anterior – estima-se aproximadamente cem membros presentes.³³ Apesar da pequena audiência, Bakunin pronunciou-se formalmente em cinco discursos, em meio aos quais nota-se a promoção do conteúdo de *Federalismo, socialismo e antiteologismo*. Entretanto, ainda que com a audiência reduzida, os socialistas continuavam sendo minoria. A própria AIT, que havia realizado seu terceiro congresso em Bruxelas no início do mês, havia deliberado por uma posição de não enviar delegação ao congresso de Berna, ainda que tenha dado liberdade aos militantes de se fazerem representar individualmente; a AIT sustentava que a liga não tinha razão de ser e que, em caso de interesse, seus membros poderiam aderir às suas seções.

O resultado era esperado; no último dia do congresso, a minoria socialista desligou-se, apresentando a seguinte declaração:

³¹ Ibidem, p. 18.

³² James Guillaume. Op. Cit., p. 166.

³³ Marc Leier. Op. Cit., p. 190.

Considerando que a maioria dos membros do Congresso da Liga da Paz e da Liberdade pronunciou-se apaixonada e explicitamente contra a *igualização econômica e social das classes e dos indivíduos*, e que todo programa e toda ação política que não têm por objetivo a realização desse princípio não poderiam ser aceitos por democratas socialistas, quer dizer, por amigos conscienciosos e lógicos da paz e da liberdade, os abaixo-assinados crêem ser seu dever separar-se da Liga.³⁴

Assinaram essa declaração 18 membros, dentre os quais estavam incluídos, além de Bakunin, James Guillaume, Élisée Reclus, Aristide Rey, Charles Keller, Victor Jaclard, Albert Richard, Nicolas Jukovski, Valérien Mroczkowski, Zagorski, Giuseppe Fanelli, Saverio Friscia, Alberto Tucci.

O quadro dos socialistas que deixavam o congresso, alguns dos quais já eram membros da AIT, decidiu pela criação de uma nova organização política. Com a integrando de aderentes que faziam parte da Internacional, esta organização foi fundada ainda em 1868 e ficou conhecida como Aliança da Democracia Socialista (ADS).

Após constituir um bureau central em Genebra, composto por membros da AIT, a ADS solicitou ao Conselho Geral da AIT sua entrada em bloco na referida associação. Com a fundação da ADS, Bakunin entraria de corpo e alma no movimento operário internacional, decidindo dedicar-se completamente à AIT. Com a entrada de Bakunin e da ADS na AIT, se desenvolverão as principais polêmicas entre coletivistas e centralistas, representadas muitas vezes por Marx e Bakunin, as quais terminarão na cisão do movimento operário internacional, em 1872.

BAKUNIN ANARQUISTA

René Berthier afirma que depois do segundo Congresso da Liga da Paz e da Liberdade Bakunin “abandona definitivamente toda idéia de juntar a burguesia radical ao socialismo”. *Federalismo, socialismo e antiteologismo* é, conforme coloca, um documento que expõe as idéias de seu período de conversão ao anarquismo. Para Berthier, ainda, a adesão de Bakunin à AIT, em 1868, seria o “prelúdio da criação do Bakunin libertário [anarquista], que a maior parte das pessoas conhece”.

Neste processo, o contato aprofundado com o movimento popular e operário teria sido fundamental; e seria só depois dele que Bakunin desenvolveria completamente seu anarquismo:

³⁴ James Guillaume. Op. Cit., p. 173.

Logo que Bakunin adere à AIT, ele dispõe de uma experiência real de contatos permanentes com os militantes, com as idéias, mas há ainda quase tudo a ser aprendido em matéria de organização. É pelo contato com os militantes suíços e belgas, pela observação e pela troca de idéias, que ele desenvolverá uma teoria da organização que não será produto de sua imaginação, mas o resultado de uma verdadeira simbiose entre a ação prática e a reflexão teórica.³⁵

Foi, portanto, depois desse processo dialético, de contato com o movimento popular, e de reflexões teóricas próprias, que Bakunin tornou-se anarquista, no período que vai de 1868 a 1869, quando se pode dizer que seu anarquismo existe plenamente.

A teoria desenvolvida por Bakunin e a prática da ADS no seio da AIT permitem evidenciar, pela primeira vez na história, o anarquismo funcionando plenamente, em sua maturidade, internacional e coletivamente.

O conjunto de textos, documentos, cartas desse período, elaborados por Bakunin e pelos militantes que estavam próximos dele – Guillaume, Adhémar Schwitzguébel, Eugène Varlin, entre outros – constitui parte central da teoria deste anarquismo que, embora fosse ainda algo recente naquele momento, apresenta elementos que serão conservados entre os anarquistas.

Em tal contexto, *Federalismo, socialismo e antiteologismo* possui uma importância capital, tanto no processo de desenvolvimento do anarquismo de Bakunin, quando para o próprio desenvolvimento do anarquismo.

BIBLIOGRAFIA

BAKUNIN, Mikhail. *Revolução e Liberdade: cartas de 1845 a 1875*. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *Catecismo Revolucionário / Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.

_____. “Principes et Organisation de la Société Internationale Révolutionnaire. Organisation”. In: CD-ROM *Bakounine: Ouvres Completes*, IIHS de Amsterdã, 2000.

_____. “Programme d’une Société Internationale Secrète de l’Émancipation de l’Humanité”. In: CD-ROM *Bakounine: Ouvres Completes*, IIHS de Amsterdã, 2000.

_____. *Essência da Religião / O Patriotismo*. São Paulo : Imaginário: 2009.

³⁵ René Berthier. Op. Cit., p. 198.

- BERTHIER, René. *L'Autre Bakounine. Troisième partie: 1861-1868: de la révolution démocratique à la révolution sociale*. Paris: Editions du Cercle d'études libertaires – Gaston-Leval, 2011.
- BRUPBACHER, Fritz. *Bakunin: o satã da revolta*. São Paulo: Imaginário, no prelo.
- CORRÊA, Felipe. “Introdução”. In: BAKUNIN, Mikhail. *Revolução e Liberdade: cartas de 1845 a 1875*. São Paulo: Hedra, 2010.
- GUILLAUME, James. *A Internacional: documentos e recordações*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.
- HOBBSBAWN, Eric. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LEHNING, Arthur. *Conversaciones con Bakunin*. Barcelona: Anagrama, 1999.
- LEIER, Mark. *Bakunin: the creative passion*. Nova York: St. Martin's Press, 2006.
- NETTLAU, Max. “Mikhail Bakunin: a biographical sketch”. In: MAXIMOFF, G. P. (org). *The Political Philosophy of Bakunin*. New York: The Free Press, 1964.
- _____. “Prólogo”. In: BAKUNIN, Mikhail. *Obras Completas*, vol. 3. Madri: La Piqueta, 1979.
- _____. “Apresentação”. In: BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.